

PRÁTICAS DE REZAS: ORALIDADE E CULTURA NO COTIDIANO DAS REZADEIRAS

Andrea Carla Rodrigues Theotônio

RESUMO: O presente trabalho pretende uma análise da permanência de práticas de rezas e curas empreendidas pelas rezadeiras no cotidiano da religiosidade popular. Estas permanências e suas interferências no cotidiano estão interligadas às esferas sociais e culturais no brejo paraibano em particular nas comunidades rurais. Nesse intuito foram realizadas entrevistas com rezadeiras e pessoas que partilham de suas práticas. A história oral apresenta-se como um método na operação do historiador, que deve problematizar elementos como oralidade e memória. Assim o uso da metodologia da história oral em relação às rezadeiras permite visibilizar um historicidade da qual estas são portadoras.

PALAVRAS-CHAVES: Religiosidade popular, oralidade, memória.

O campo da religiosidade pode ser considerado terreno fértil para inúmeras pesquisas pautadas em teorias e na enunciação de discursos geralmente defensivos de um poder e saber oficial, ou em alguns casos de repasse de interesses privados que estabelecem os indivíduos acima das instituições ou ainda na construção de um imaginário de valorização de nossas inúmeras matizes religiosas.

Na chamada pós-modernidade admite-se a existência de religiosidades nas quais se percebe uma miscelânea de características religiosas diferentes. Assim, a mistura é a base para a constituição de uma teia dinâmica de relações entre homens e mulheres e suas ligações com o sagrado.

Em nosso país, com uma tradição católica muito forte, é importante notar também uma mudança nesse quadro.

“Assim, a religião que, no Brasil, por quatro séculos, na figura da Igreja Católica, fora indissociável da vida pública, imbricada com a própria estrutura do poder de estado por meio da instituição do padroado, pareceria enfim ter se inclinado definitivamente para o campo privado, agora dependente quase de modo exclusivo de escolhas individuais”. (VAINFAS, 1997, p.52)

Assim nesta trama de poderes e saberes mágicos a religiosidade popular constitui-se num campo que pode ser analisado sob diversas perspectivas. Como pretendemos uma leitura que privilegie a história do cotidiano acreditamos na religiosidade popular como um espaço de interferência, mas que ao mesmo tempo é construída na vida privada. Por serem práticas comuns a pessoas simples e realizadas ao longo do tempo tendem a ser naturalizadas como se estivessem na vida privada cristalizadas desde sempre. Segundo Mary Del Priore (1997, p. 259) “imensas são as dificuldades para nomearmos a complexidade e a riqueza que estão mais próximas de nós,

impregnadas da aparente banalidade do cotidiano”. O cotidiano não é uma repetição mecânica e imutável de gestos, tradições ou costumes, na realidade ele é reinventado sempre a cada refazer de atitude que o homem e a mulher desempenham na vida em sociedade. Portanto o cotidiano é portador de uma historicidade que deve ser percebida com a preocupação investigativa de dar vozes a diversos sujeitos históricos elaborando a construção e desconstrução da história, partindo de novas fontes e de novos objetos. Daí a necessidade de um novo olhar sobre essas práticas mágicas utilizadas, principalmente, pelas mulheres e compartilhadas com a comunidade. Essas práticas mágicas não devem ser rotuladas de velhas, pois se renovam e constituem novos sentidos cotidianamente, a cada criança que é rezada, a cada bênção proferida.

As práticas mágicas, presente no seio da religião oficial, acentuam-se em tempos específicos, tais como: nas festas juninas (em especial as festividades dedicadas a Santo Antônio e a São João); no período da quaresma (nas celebrações penitenciais em espera à Festa da Páscoa e em particular na Sexta-feira da Paixão) e no mês de maio (dedicado a Nossa Senhora pela Igreja Católica). Mas estão presentes, também, no cotidiano das rezas para a cura das doenças e nas adivinhações ligadas ao ciclo de fertilidade da terra. Sobressaem também na busca por resolver problemas nas relações amorosas, desde a conquista de um amor até as rezas para melhorar a potência sexual e aquelas que auxiliam as parturientes.

Com relação às curas, pode-se observar que as práticas mágicas mais procuradas são aquelas que têm por meta sanar males e doenças, apesar da presença marcante da medicina tradicional e seus rituais de diagnósticos e curas. Vale salientar que na maioria das vezes essas populações estão carentes de serviços de saúde de qualidade e utilizam essas práticas de rezas associadas a intervenções da medicina tradicional.

Deve-se, prioritariamente, aos nativos do Brasil o largo uso de tais práticas pelo conhecimento que dispunham de ervas e de procedimentos ritualísticos ligados à medicina natural e popular. Isto se deve, entre outras, a visão das doenças enquanto algo sobrenatural, as quais só poderiam ser vencidas com recursos e meios da mesma natureza. Procurar, pois, obter curas por meios sobrenaturais aproxima esta terapêutica popular da magia.

A rezadeira conhece rezas, remédios e simpatias. Por meio destes mecanismos trabalha no sentido de promover a cura, em pessoas que sofrem de alguma doença como *mal de monte ou mal de munturo, espinhela caída, dor de dente, dor de cabeça, mau-olhado, quebranto, ventre caído, peitos abertos, ramo, sol na cabeça, nervo triado, “desmentidura”, engasgo “de gente e de bicho”, ferida de boca* e outros tipos de males.

No dicionário de folclore (CASCUDO, 1984, p.36) as rezas aparecem definidas como “as orações populares rezadas pelos rezadores ou benzedores para curar doenças, pedir proteção e saúde para as pessoas que os procuram”. O curandeirismo é um fenômeno religioso que aparece em quase todas as épocas da história brasileira, desde o período colonial aos nossos dias. Assim, essa concepção mágica de curar continua fazendo parte da cultura popular.

“As curas mágicas com palavras refletiriam a velha crença no poder curativo da Igreja Medieval, e eram comuns em toda a Europa. Primeiro enunciava-se o nome da pessoa doente, a seguir ajoelhava-se, rezando à Santíssima Trindade para que os protegesse dos inimigos, o doente deveria rezar cinco padre-nossos, cinco Ave-Marias e um Credo por nove noites seguidas, tudo em louvor ao Espírito Santo.” (SOUZA, 1986, p.68)

No que diz respeito às rezas, as palavras utilizadas e os procedimentos realizados pelas rezadeiras não seguem um padrão único. Segundo a rezadeira Dona Creuza Lopes do Nascimento (2005), “a reza é mais de uma para o olhado, era a que eu mais rezava”. Ainda sobre a variedade das rezas, a rezadeira Dona Maria Bernadete da Silva (2006) afirma o seguinte: “E se reza também de ferida de boca, pra cada doença tem uma reza diferente. A reza de dor de dente é tão bonita e a de mal de monte também e eu só uso mesmo a palavra”.

Um exemplo de reza de olhado foi citado por Dona Creuza Lopes do Nascimento (2005, grifos nossos):

*A minha reza é assim: Eu faço pelo sinal da cruz, aí eu rezo o creio em Deus, depois eu rezo um mistério do terço. Então oferecia. E para o olhado eu dizia assim: (Fulano, o nome da pessoa) estou te curando. **Com dois te botaram, com três eu te curo na graça do divino Espírito Santo.** Se te botaram no comer, no olhar, na carne, no sangue. Se te botaram na tua esperteza, no teu magrem, na tua gordura, no teu olhar, no teu sorriso, no teu comer, no teu café, na tua alegria, na tua tristeza. Todo olhado que tiver no corpo de fulano, todo quebranto e olhado (aí eu passava o ramo na pessoa) vai para as ondas do mar sagrado para nunca mais voltar. Oferecia ao menino Jesus, quando era criança, ao meu Padrinho Cícero e a Virgem da Conceição passando o ramo na cabeça da pessoa. Depois oferecia essa oração às Cinco Chagas de Nosso Senhor e a Virgindade de Maria Santíssima.*

A variedade das rezas é ampla, cada rezadeira tem uma lista de rezas e recomendações para os vários tipos de males. A rezadeira Dona Maria Bernadete da Silva (2006) ao ser indagada sobre a quantidade de rezas que conhece respondeu:

Ah, tem muita reza diferente. Eu rezo engasgo de gente e de bicho e também desmentidura de todos dois. E rezo também de ferida de boca e de espinhela caída. E tem a reza também da mulher quando tá pra parir, essa eu não aprendi. Mãe rezava e eu me desocupava ligeiro.

Percebemos esse “modelo” de reza, com algumas alterações, em diversas outras entrevistas com as rezadeiras. Sem dúvida o mau-olhado é a reza mais utilizada. Segundo Câmara Cascudo (1984, p. 84) “certas pessoas têm, nos olhos, o poder de fazer murchar as plantas, adoecer as pessoas, fazer com que os negócios dos outros não dêem certo. Essas pessoas têm mau-olhado ou olhar de seca-pimenta”.

Podemos destacar alguns elementos a partir do relato dessas mulheres: a preocupação de “tirar” algo que faz mal, que incomodam as pessoas que as procuram. As rezadeiras aparecem sempre como intermediárias, pois evocam sempre o nome dos santos de devoção católica. Essas mulheres fazem questão de se afirmar como católicas e deixar claro que a reza não é um “serviço”, não admitem receber nenhum tipo de pagamento pela atitude de rezar.

Na reza exposta por Dona Creuza Lopes do Nascimento (2005) quando ela relata, “com dois te botaram” faz uma referência aos dois olhos maus da pessoa que despejou sua carga negativa de inveja sobre outra. Esse é o agente que tem o poder de “botar”, de desejar o mau pelo olhar. Acreditando nessa energia negativa imposta por alguém, o ato de rezar impregna-se então de uma carga positiva de energias através da palavra, da benção com os ramos e principalmente da intercessão a Deus e aos Santos de devoção.

Um fator de importância nestas práticas mágicas é o de observar que as formas oracionais e o preparo de medicamentos não são direcionados apenas para proporcionar o bem estar das pessoas, mas também podem intervir nas plantações e nas doenças de animais, como por exemplo, as rezas para engasgo e fraturas em animais. Com isso elas se tornam essenciais à sobrevivência das pessoas simples que vivem em geral da agricultura.

Essa reelaboração das rezas, inseridas no contexto da religiosidade popular de comunidades rurais da cidade de Areia – PB merece um destaque enquanto objeto de estudo de historiadores. A presença das rezadeiras com seu papel de liderança e respeitabilidade é portadora de uma historicidade que deve ocupar espaços na historiografia local e regional. Os recortes da memória coletiva (quando se afirma que “antigamente” rezava mais) e das relações cotidianas entre os sujeitos dessa comunidade formam uma trama de saberes mágicos construídos a partir da reelaboração de discursos e de práticas. Ora modificados, ora preservados, esses discursos e práticas são essência de uma memória coletiva, que é reavivada, sempre que as rezas são utilizadas na atualidade.

A importância deste trabalho para a historiografia local justifica-se na concepção da construção da história sob a perspectiva do cotidiano, valorizando sujeitos sociais comumente vistos como subalternos. Além disso, possibilita uma compreensão da história tendo como ponto de partida o campo da religiosidade. Esse aspecto se mostra fecundo para dar visibilidade a presença feminina em ambientes ditos patriarcais e perceber novas dinâmicas na socialização de poderes e saberes.

A pesquisadora Elda Rizzo de Oliveira fez o seguinte relato sobre o processo de ensinar e aprender utilizado pelas rezadeiras:

“Não ocorre de forma aleatória, pelo contrário existem regras, a serem obedecidas, cumpridas, tanto pela mestra como pela aprendiz. As principais regras ou exigências, para iniciar-se no ofício são: acreditar no que estar se propondo a fazer, ou seja, na reza; a aprendiz deve ter ma boa memória; reproduzir na íntegra as diversas orações para diferentes males, pois só assim pode ser evitada, na medida do possível, a mudança no sentido das palavras.”
(OLIVEIRA, 1983, p.6)

O dom e o ofício da rezadeira são atos de filosofia popular a qual explica a origem, o processo de iniciação, e atuação no ofício. Não deve ser interpretado como algo distante e ultrapassado, mas como fenômeno vivenciado nas práticas cotidianas, tanto pela mulher que reza como pelas pessoas que vão a sua procura. A atividade das rezadeiras não é uma prática que ficou no passado, ela é atual, sendo renovada, modificada e reconstruída a cada tempo, tornando-se uma realidade dinâmica na qual interagem vários sujeitos históricos e ajuda a construir um modelo de vivência na religiosidade popular.

Algumas rezadeiras nos relataram seu processo de aprendizagem, Dona Corina Lima (2005) lembra num tom de saudade:

“Aprendi a rezar com uma mulher que já morreu, o nome dela era Jezebel, ela morava num alto perto da casa do meu pai. Toda tarde eu ia como quem tá aprendendo a ler. Todo dia ia eu e a minha irmã, mas ela já morreu quando era moça ainda.”

Sobre o ensinar, percebemos mulheres preocupadas em partilhar sua sabedoria com outras mulheres e com a comunidade em que estão inseridas. Dona Maria Bernadete Silva (2006) é um forte exemplo dessa percepção de que a tradição da reza deve ter uma continuidade na comunidade “Aqui tem que ensiná pra num se perder no tempo”.

Mesmo assim, existem algumas regras sobre o ensinamento e a prática das rezas. A recomendação mais ouvida foi que uma mulher deve ensinar a outra apenas quando não desejar mais rezar. O horário para se fazer as rezas é sempre destacado pelas rezadeiras como também a quantidade de vezes que cada pessoa deve ser rezada.

Sobre essas questões vejamos algumas recomendações das rezadeiras: Dona Creuza Lopes do Nascimento (2005) comenta:

“Muita gente diz que quando se ensina afraca a reza da pessoa, eu acho que aos homens pode ensinar, mas a mulher não é bom. Sim, tem muita gente que só reza até o entardecer, só que eu rezava dependendo da precisão da pessoa. As palavras de Nosso Senhor, o poder da reza é o mesmo a qualquer hora do dia ou da noite. Muita gente reza baixinho, por isso que as pessoas que são rezadas não escutam. Mas tem reza que não se deve rezar alto ou ensinar aos outros.”

Dona Querubina da Conceição (2005) nos fornece essas recomendações com um destaque especial para o horário do entardecer, definido como “a hora mais bonita e mais triste do dia, nem é dia nem é noite”. Percebemos um cuidado em preservar a tradição das rezadeiras mais antigas. “Pode rezar até se for de noite. Só não se reza ao pôr do sol porque o sol vai se pondo; aí se você vem se curar aí o sol vai levando a reza e não serve mais.”

Como vimos, em algumas rezas existe a utilização de um ramo verde que é “passado” na pessoa que se reza pelas mãos da rezadeira e depois é jogado fora no final da reza. Alguns ramos são galhos ou folhas de plantas medicinais conhecidas na região, mas algumas rezadeiras preferem rezar apenas com arruda ou pinhão-roxo. A utilização do “ramo” é mais comum quando se reza o mau-olhado, outras rezas dispensam cuidados e a presença de elementos específicos como na reza de espinhela caída ou nas desmentiduras. Vejamos o relato de Dona Maria Bernadete Silva (2006): “Todo ramo não presta não, rezo mais com pinhão-roxo. Para rezar desmentidura pega uma linha e uma agulha e bota uma folha de cajueiro e vai dizendo as palavras e vai cosendo e vai oferecendo a reza”. Para espinhela caída Dona Querubina da Conceição (2005) recomenda:

“Tem que apertar com as duas mãos a espinhela de quem é rezado por três vezes. Não há recomendação nenhuma depois da reza. Pode tomar banho que a água não leva o poder da reza. Só se tiver com espinhela caída ou peito aberto não pode comer doce.”

Ainda sobre as recomendações depois da reza, Dona Creuza Lopes do Nascimento (2005) lembra: “às vezes acontecia o seguinte, a criança vinha com vento caído, então eu ensinava dar um banho com água ferrada ou então o chá da embaúba. Às vezes eu ensinava uns banhos cheirosos, **porque se bem não fizer, mal é que não vai fazer**”.

Esse caráter benéfico das rezas e de remédios caseiros e naturais deve ser percebido como uma crença historicamente construída na comunidade. O ato de se rezar e seguir as recomendações das rezadeiras não pode ser reduzido apenas à categoria de folclore ou tradição. Constitui-se uma afirmação de enunciados proferidos por sujeitos históricos diferentes (as mulheres, os padres, os médicos) em contextos históricos diversos que se entrelaçam e permanecem imbuídos de sentido até a contemporaneidade.

Sobre a quantidade de vezes que cada pessoa deve ser rezada é praticamente uma unanimidade a freqüência de três vezes seguidas, Dona Corina Lima (2005) afirma:

“Uma pessoa pode se rezar até três vezes, se com uma só ficar boa não precisa mais, senão, reza de novo. Mas, não pode ficar nas duas rezas tem que rezar pela terceira vez, mesmo já tendo sido curado. A pessoa que reza conhece se a reza vai dá cura pra doença ou não.”

Essa referência ao número ímpar tem um caráter simbólico, há uma relação entre a quantidade de ramos verdes utilizados no procedimento da reza e as vezes que a pessoa deve ser rezada. A freqüência de três é uma referência a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) evocada durante as rezas ou para quem a reza é oferecida.

A presença de elementos mágicos, como o número ímpar dos ramos e das vezes que cada pessoa deve ser rezada e também as referências às forças da natureza, devem ser encarados como uma releitura de antigas tradições e costumes antigos e que não são reconhecidamente católicos. A referência que as rezadeiras fazem ao pôr do sol como sendo uma hora imprópria para a reza ou as recomendações para a utilização de “água ferrada” e diversos tipos de banhos com ervas são releituras de elementos mágicos muitas vezes submersos na religiosidade popular católica.

A crença nas palavras, no saber mágico das rezadeiras foi sendo elaborada ao longo do tempo a partir da transmissão de conhecimentos, tradições e práticas mágicas que estão repletas de discurso e sentidos próprios. Portanto essa convivência das rezadeiras com a diversidade religiosa que caracteriza a contemporaneidade é um estágio de entrelaçamento composto por permanências e rupturas no seio da religiosidade popular.